

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

VARIAÇÃO E DISCURSO E SUA PRODUTIVIDADE NA PRÁTICA DIDÁTICA DE PORTUGUÊS

Darcília Simões
(UERJ/PUCSP/ SELEPROT⁶, LABSEM⁷)
contato@darciliasimoes.pro.br

PRELIMINARES

Assim, a gramática normativa tem o seu lugar e não se anula diante da gramática descritiva, científica, mas é um lugar à parte, imposto por injunções de ordem prática dentro da sociedade. É um erro profundamente perturbador misturar as duas disciplinas, e pior ainda, fazer linguística sincrônica com preocupações normativas. (Câmara Jr., 1972)

Não é de hoje que se vem apregoando a importância de um domínio amplo da língua portuguesa (L1). A afirmação do domínio do vernáculo como instrumento fundamental do desenvolvimento intelectual e sócio-político dos sujeitos se impõe a cada dia, sobretudo em função de um sistema voltado para a empregabilidade, que é o valor funcional da formação sistemática dos sujeitos.

A absorção de mão-de-obra qualificada implica competência que, no mundo atual comandado pela economia de mercado, passa a exigir alta qualificação, e esta, por sua vez demanda formação intelectual e profissional caracterizadas pela

⁶ Grupo de Pesquisa (CNPq 5.5) Semiótica, leitura e produção de textos – SELEPROT.

⁷ Laboratório Multidisciplinar de Semiótica: Estudos, Pesquisas, Eventos e Produção – Semiótica Verbal, Não-Verbal e Sincrética – LABSEM – Financiamento FAPERJ-2008.

versatilidade. Para ser versátil é preciso que se tenha condições de permanente aperfeiçoamento e, para tal, é indispensável o domínio da língua oficial do país em que se atua, no caso, a língua portuguesa do Brasil.

Considerando a extensão continental do país, verifica-se como relevante a diversificação linguística condicionada pela distribuição geográfica e social dos nacionais. Assim sendo, a escola brasileira tem de preparar-se para a realização de um trabalho pluralista, pautado na diversidade cultural do povo, o que implica operar-se na escola com a variação linguística.

A dialetação é uma marca da fala brasileira. Como lembra Oliveira (2008), as primeiras pesquisas sobre variação remontam à segunda metade do Século XIX. Acrescenta o autor que a sistematização dos estudos variacionistas ganha sistematicidade em meados do Século XX, com a dialetologia e a sociolinguística. A despeito disso, ainda hoje se vê a discussão variacionista como interesse exclusivo dos sociolinguistas, diz Dermeval da Hora (2003). Estudos históricos no campo da linguística vêm-se beneficiando da aplicação sistemática da noção de variação.

Simões (1997-2006) desenvolveu estudo voltado para a aquisição da língua escrita e buscou cruzar dados sincrônicos extraídos da variação do português do Brasil com dados diacrônicos documentados na evolução do latim ao português. Esse estudo demonstrou a repetição sistemática de fatos fônicos (fonéticos e fonológicos) quando observados os ambientes em que ocorriam. Em outras palavras, ambientes fonéticos idênticos e análogos produziam resultados também idênticos ou análogos. Com isso, Simões vem difundindo uma estratégia de trabalho com a língua portuguesa cujo resultado tem sido a admissão de cada vez mais docentes no projeto, em virtude de sua eficiência.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A proposta de Simões consiste em trabalho regular de exploração das variedades linguísticas nas práticas de ensino de língua portuguesa. Lançando mão da pluralidade de gêneros textuais que circulam na sociedade, opera-se com a interação discursiva e a respectiva adequação verbal ao contexto de produção e de apresentação dos enunciados.

Sumarizada a proposta técnico-pedagógica, vamos aos fundamentos.

ENTRE TEORIA E MÉTODO

Variacionismo como grande enquadramento

A variação linguística é estudada desde Schuchardt (1885) e Sapir (1921). Inicialmente interpretada como objeto de sistemas distintos ou mesmo decorrência das falas individuais (variação livre), a variação evoluiu para o status de fenômeno interno aos sistemas linguísticos e passou a objeto de pesquisas sistemáticas, voltadas para a explicação dos fatos emergentes de realizações distintas de um mesmo fonema, quando produzido por falantes de uma mesma língua.

Segundo Irandé Antunes (2007), os paradigmas teóricos, que de alguma forma separavam língua e povo ou língua e cultura, não deram conta da real natureza da linguagem, perdendo-se de sua abrangência como sistema de signos em uso destinados à sociointeração. Nessa perspectiva, a autora abre uma discussão sobre a noção tradicional de língua como sistema de signos (Saussure), contudo, apartada de sua realização humana e social (aspectos funcionais). Por conseguinte, os estudos apriorísticos da língua tentavam produzir análises de cunho matemático, sem perceber que a língua não se inclui entre os objetos das ciências exatas; insere-se nas ciências humanas, logo, está sujeita às modificações decorrentes dos fatos sociais em que atuam os sujeitos e dos quais decorrem alterações sis-

temáticas e históricas relevantes, sobretudo, quando se trata da interação sócio-discursiva.

Pragmática discursiva

No século XX, a partir dos anos 70, chegou-se à conclusão da relevância de que o uso da língua deveria passar a ser o objeto empírico dos estudos linguísticos. Por força disso, a sociolinguística ampliou seu âmbito de estudo do variacionismo para as variadas formas de uso da língua. Destacam-se nesse cenário os estudos labovianos (Van Dijk, 1996). Com o avanço dessa ótica, surge também a análise da conversação que, no Brasil, destacou-se a partir de Marcuschi (1986), cujas razões afirmadas eram de que “em primeiro lugar, ela [a conversação] é a prática mais comum no dia-a-dia do ser humano; em segundo, desenvolve espaço privilegiado para a construção de identidades sociais no contexto real (...)”. Ao lado disso florescem os estudos do discurso, que avança no âmbito interdisciplinar e que vem promovendo a mescla entre métodos e teorias puramente linguísticos ou gramaticais à etnografia, psicologia etc.

Com isso, estudos voltados para os processos cognitivos ganham destaque, e nessa trilha Simões vem desenvolvendo estudos com escopo semiótico que alargam ainda mais o cenário de estudo das práticas de linguagem, em especial, das práticas escritas.

Funcionalismo

An introduction on a Funcional Grammar (Halliday, 2004) é iniciada com a afirmação de que, quando alguém fala ou escreve, produz texto. *Texto* é tido como algo referente a qualquer instância de língua, em qualquer meio, que faz sentido para alguém que conhece a língua (cf. Halliday & Hasan,

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

1976). Acrescenta a obra, que teve sua terceira edição em 2004, que, para um gramático, texto é um fenômeno rico e multifacetado que “significa” de várias maneiras, podendo assim ser explorado de vários pontos de vista, dos quais distingue dois ângulos: o texto como um objeto em si mesmo; e o texto como um objeto que faz emergir algo mais, vendo-o então como um instrumento. Trata-se de duas perspectivas complementares. Tomado ora como artefato, ora como espécie, o texto demanda uma análise complexa que deve ter em conta a língua com que se constrói - e suas regras de produção – relativizadas, a partir de um diálogo constante entre o que se usa do sistema e este como um todo, tendo em conta a atuação dos leitores e os valores que estes trazem ao texto.

Moura Neves (2002), discutindo o funcionalismo hallidiano, aponta dois propósitos mais gerais que, segundo a autora, fundamentam os usos da linguagem:

- Entender o ambiente (função ideacional ou reflexiva)
- Influir sobre os outros (função interpessoal)

Acrescenta um terceiro componente, multifuncional, que confere relevância aos dois primeiros: o componente textual (*função textual* segundo Halliday). Disso se extrai que há uma multifuncionalidade em configuração orgânica de elementos, cujas funções são particulares, mas mantêm relação obrigatória com o todo sistêmico. Assim sendo, cada elemento da língua em uso é explicado por referência à sua função sistêmica, por isso, a gramática funcional constrói e descreve todas as unidades da língua-objeto como configuração orgânica de funções.

Há despeito da tensão original entre discurso e gramática, conceitos e definições acabam por encontrarem-se quando observadas pelas lentes da prática social da linguagem. As implicaturas conversacionais e o processo de gramaticalização,

por exemplo, passam a ser explicados segundo a movimentação das formas da língua, que as transforma a partir do componente semântico que vão adquirindo no seu percurso histórico.

Portanto, a perspectiva sistêmico-funcional vem dando suporte às pesquisas produzidas e orientadas por Simões, uma vez que a consideração da língua como objeto e instrumento da interação social permite combinarem-se as óticas hallidiana e perciaiana (semiótica norte-americana), vindo a desaguar na construção teórica que a autora denominou *semiótica aplicada ao signo verbal* e especializou na *teoria da iconicidade*. Esta é uma proposta de análise que considera o objeto texto segundo o *contexto de uso* (Halliday) e o *contexto de apresentação* - cenário que emoldura o ato de fala [aqui e agora] - (Simões, **In** Simões & García, 2008); este último proposto pela estudiosa em 2007, quando começa a tratar da *alteridade individual* (*op. cit.*), categoria fulcrada na hipótese da poliglossia interna – capacidade de expressão nas variedades funcionais de uma língua histórica (como L1).

Evanildo Bechara reconhece que a língua portuguesa tem variações: a escrita, a falada, a exemplar, a culta, a formal, a informal, etc., por conseguinte, assegura que a missão do professor de língua materna é transformar o aluno num poliglota dentro da sua própria língua, de modo que ele possa escolher a língua funcional adequada a cada situação. Ser poliglota na própria língua compreende desde o domínio da escrita de um texto formal até a consciência a respeito de uma conversa com um analfabeto⁸. A visão sociolinguística propõe o desfazimento do mito estruturalista da homogeneidade linguística (cf. Saussure). Daí se depreende que e a ocasião faz o fa-

⁸ Pronunciamento em uma sessão da ABL, documentada em O Estado de São Paulo com a manchete "A sabedoria do equilíbrio, por mestre Bechara" em 6/04/2008).

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

lante. O falante, poliglota em L1, deve ser capaz de escolher a língua funcional adequada a cada situação.

Segundo Coseriu (1980), há uma língua histórica (que não tem realização concreta) e uma língua funcional (que é diretamente realizada). A histórica constitui um diassistema que engloba as variedades diatópicas (ou geográficas), diastráticas (ou sociais) e diafásicas (ou de registro). A língua funcional, no entanto, tem caráter sintópico, sinstrático e sinfásico, pois se adéqua a um evento comunicativo.

Simões reúne os ensinamentos de Coseriu aos de Halliday, para subsidiar, no plano linguístico-gramatical, sua abordagem semiótico-icônica do objeto *texto verbal escrito*, observado segundo os efeitos estilísticos diversos nele inscritos, com a finalidade da comunicação. Ademais, as idiossincrasias dos sujeitos enunciadore primeiros [En1] também se inscrevem nos textos por meio da individualidade de suas escolhas léxico-sintáticas, bem como as escolhas semântico-pragmáticas dos leitores ou enunciadore subsequentes e eventuais [EnN]. Dessa forma, as oposições funcionais intrasistêmicas que constituem a norma - extraída da realização coletiva do sistema - são enriquecidas por elementos não-pertinentes ao sistema, mas normais na fala de uma comunidade, porque esta é a realização individual-concreta da norma somada à originalidade expressiva da falante.

Para que se possa deduzir dos enunciados concretos as regras do jogo linguístico praticado pelos falantes e orientar os processos de ensino e de aprendizagem da língua materna, é indispensável que o docente tenha domínio amplo da língua histórica e de suas variedades funcionais, nas quais se refletem as variações sociais e culturais dos falantes, segundo a distribuição geográfica e social dos sujeitos no território onde a língua-objeto caracteriza uma nacionalidade.

A PRÁTICA DIDÁTICA

De posse das teorias resumidamente apresentadas neste artigo, o docente estaria capacitado a orientar o processo de aquisição de domínio em L1, reconhecendo a relevância e identificando as marcas linguístico-textuais da alteridade individual e das variações decorrentes dos gêneros e tipos textuais exigidos pelas situações reais de comunicação.

Na qualidade de orientador, o docente não poderá furtar-se ao disciplinamento da produção textual do estudante, quer seja como leitor quer como redator, apontado-lhe as características de cada ato comunicativo e as consequências da adequação e da inadequação das escolhas léxico-sintático-semânticas no processo de comunicação.

Para tanto, propõe-se a interação didático-pedagógica cotidiana com textos de gêneros e tipos diversos, para que seja possível o contato direto com a variação linguística e disso se possa tirar proveito na construção da identidade dos leitores e redatores, de modo a tornar-se possível inferir dados relativos ao contexto de produção e aqueles que emergem do contexto de apresentação. Para objetivar: o trabalho com um poema, em uma aula, em que se exploram as marcas linguísticas de um estilo literário, de um autor, de uma época, trata de fatos ligados ao contexto de produção; enquanto a discussão do entendimento (compreensão, interpretação e recriação parafrástica ou parodística) do texto em si pode resultar na identificação de fatores que distinguem os sujeitos leitores/co-autores segundo seu domínio vernacular, sua idade, sexo, escolarização etc. Isso porque, do ponto de vista da iconicidade, as marcas verbais apuradas não só se prestam a orientar e disciplinar a inserção/extração de conteúdos nos textos, como também funciona na representação – diagramática imagética ou metafórica – dos sujeitos que interagem durante os atos de fala (ou situações discursivas) mediados pelos textos. Torna-se possível estudar

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

a iconicidade verbo-gramatical combinada com a iconicidade sociolinguístico-cultural.

Concluindo, a prática didática com textos selecionados segundo os objetivos linguístico-gramaticais a atingir e o reaproveitamento desses textos para consecução de outros objetivos (inclusive não-linguísticos) pode resultar na apreensão mais ampla e consistente da variação da língua e, conseqüentemente, de sua gramática, enquadrada(em) e a serviço de uma interação sócio-discursiva eficiente, plural e sem preconceito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. A língua e a identidade cultural de um povo. In VALENTE, André (org.) *Língua portuguesa e identidade*. Marcas culturais. Rio de Janeiro: Caetés, 2007, p. 93-102.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

COSERIU, E. *Lições de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to Functional Grammar*. 3ª ed. London: Edward Arnold, 2004.

——— & HASAN, R. *Cohesion in English*. Oxford: Oxford University Press, 1976.

HORA, Dermeval da. Fricativas coronais: análise variacionista. In RONCARATI, C. & ABRAÇADO, J. (orgs.) *Português brasileiro. Contato linguístico, heterogeneidade e história*. Vol. I. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. [p. 69-89]

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática. 1986.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MOURA NEVES, Maria Helena. *A gramática. História, teoria e análise. Ensino.* São Paulo: EdUNESP, 2002.

OLIVEIRA, Dercir Pedro. A variação linguística no Brasil. **In** ROCARATI, C & ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro. Contato linguístico, heterogeneidade e história.* Vol. I. Rio de Janeiro: FAPERJ/Eduff, 2008, p. 93-100.

SIMÕES, Darcilia. *Considerações sobre a fala e a escrita.* Fonologia em nova chave. São Paulo: Parábola, 2006.

———. *Estudos fonológicos: a língua portuguesa no plano dos sons e da grafia.* Rio de Janeiro: Dialogarts, 1997.

——— & GARCÍA, Flavio. Alteridades individuais: o outro no/do texto. *Matraga*, UERJ. [no prelo]

VAN DIJK. Teun A. *Cognição, discurso e interação.* São Paulo: Contexto, 1996.